
**REIFICAÇÃO DA CONSCIÊNCIA X PENSAMENTO CRÍTICO: POR
UMA FORMAÇÃO DOCENTE EMANCIPATÓRIA**

<http://dx.doi.org/10.4025/imagenseduc.v5i2.24063>

Glaciane Cristina Xavier Mashiba*
João Luiz Gasparin**

* Universidade Estadual de Maringá – UEM. glacianemashiba@brturbo.com.br

** Universidade Estadual de Maringá – UEM. gasparin01@brturbo.com.br

Resumo

Este trabalho apresenta como foco principal discutir a formação de professores, tendo como base de análise a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt. Para isso, pautamo-nos em autores como Adorno, Horkheimer e Kant, bem como expoentes da Teoria Crítica contemporâneos, dentre eles, Buck-Morss, Pucci e Leo Maar. Enfatizamos a necessidade de uma formação docente emancipatória, na qual, o futuro professor esteja apto a concentrar esforços no sentido da contradição e da resistência, em face de uma sociedade que impõe a heteronomia. Entendemos que, primeiramente, o professor em formação, precisa desenvolver o próprio pensamento autônomo, para que possa, posteriormente, auxiliar seus alunos a pensarem de maneira não-tutelada. A formação docente emancipadora é uma possibilidade, no entanto, como pontua Adorno (1995), faz-se necessário juntar os esforços rumo a uma “[...] educação para a contradição e a resistência”. Com uma formação mais consistente, o professor poderá, por exemplo, esclarecer aos alunos algumas falsidades contidas nos conteúdos veiculados pela indústria cultural, por meio da análise de programas de rádio ou TV, filmes, propagandas etc., os quais, muitas vezes, remetem o telespectador à ilusão de um mundo perfeito, apesar de todos os horrores presentes na sociedade contemporânea. O docente pode, ainda, analisar junto aos alunos, os sucessos musicais, estabelecendo um paralelo entre os hits que estão no topo das paradas de sucesso e músicas de teor denso. Nessa análise, cabe uma reflexão sistematizada e conduzida pelo professor, a qual propiciará discussões acerca do conteúdo explicitado, junto aos educandos.

Palavras-chave: Teoria Crítica, formação de professores, emancipação.

Abstract: Reification of consciousness x Critical Thinking: for an emancipatory teacher training. This paper has as its main focus, discuss the training of teachers, based on the analysis, the Critical Theory of the Frankfurt School. For this, we refer to authors such as Adorno, Horkheimer, Kant and exponents of contemporary Critical Theory such as Buck-Morss, Maar, among others. We emphasize the need for an emancipatory teacher training, in which the future teacher is able to focus all efforts towards contradiction and resistance, in a society that enforces heteronomy. We understand that, first, the teacher in training needs to develop autonomous thinking, so he can later help their students think non-tutored way. The emancipatory teacher training is a possibility, however, as Adorno points out (1995), it is necessary to join efforts towards a “[...] education for confrontation and resistance. From a more consistent training, the teacher might, for example, explain to students some falsehoods contained in the content carried by the culture industry, through the analysis of radio or TV programs, movies, commercials, etc. which often refer to the viewer the illusion of a perfect world, despite all the horrors in contemporary society. The teacher can also examine with the students, the musical hits, drawing a parallel between the hits that are topping the charts and music of dense content. In this analysis, it is a

systematic reflection and conducted by the teacher, which will provide discussions about the content expressed, with learners.

Keywords: Critical Theory, teacher training, emancipation.

Introdução

Pensar a formação de professores na contemporaneidade exige um olhar para o educando que se quer formar, pois o professor em formação precisa vislumbrar o cidadão que se deseja para a atual sociedade. Educar para a emancipação, exige que consideremos a experiência e a imaginação, visando a ultrapassar o pensamento formal. O indivíduo deve ser educado para orientar-se no mundo, com vista a superar a adaptação, concentrando suas forças para a contradição e a resistência. Adorno (1995) explicita seu posicionamento sobre esta questão, quando apresenta sua concepção de educação em debate com Helmut Becker, na rádio de Hessen – Alemanha, transmitido em 1967:

Evidentemente não a assim chamada modelagem de pessoas, porque não temos o direito de modelar as pessoas a partir do seu exterior; mas também não a mera transmissão de conhecimentos, cuja característica de coisa morta já foi mais do que destacada, mas a *produção de uma consciência verdadeira*. Isto seria inclusive da maior importância política; sua idéia, se é permitido dizer assim, é uma exigência política. Isto é: uma democracia com o dever de não apenas funcionar; mas operar conforme seu conceito, demanda pessoas emancipadas. Uma democracia efetiva só pode ser imaginada enquanto uma sociedade de quem é emancipado (ADORNO, 1995, p. 141-142. grifos do autor).

Possibilitar a conquista da autonomia pelo indivíduo é outro passo importante para Adorno, pois a sociedade em que vivemos nos impõe a heteronomia; as pessoas não vivem mais de acordo com suas determinações. A emancipação do indivíduo tem sentido mediante uma educação contra a barbárie, isto é, contra o impulso de destruição que o homem traz consigo, pois, “[...] desbarbarizar tornou-se a questão mais urgente da educação hoje em dia” (ADORNO, 1995, p. 155). Contudo, para o autor:

[...] a única concretização efetiva da emancipação consiste em que aquelas poucas pessoas interessadas nesta direção orientem toda a sua energia para que a educação seja uma educação para a contradição e para a resistência (ADORNO, 1995, p. 183).

O trabalho docente como categoria não material, na perspectiva adorniana, deve permitir o pensamento autônomo, pois, a democracia só pode efetivar-se com pessoas emancipadas. Além disso, ao expressar sua opinião sobre a formação dos professores, Adorno chama-nos a atenção para questões referentes à dificuldade de alguns docentes em relação ao estilo de linguagem tanto falada, quanto escrita. No que se refere à linguagem escrita, as dificuldades percebidas pelo autor estão ligadas, principalmente, à falta de conteúdos presentes nas frases. Contudo, a formação cultural é: “[...] justamente aquilo para o que não existem à disposição hábitos adequados; ela só pode ser adquirida mediante esforço espontâneo e interesse, não pode ser garantida simplesmente por meio da frequência de cursos” (ADORNO, 1995, p. 64), há necessidade de uma autorreflexão crítica.

Da autonomia ou produção de uma consciência verdadeira

A emancipação humana, de acordo com Adorno (1995), requer um nível mais profundo de consciência como necessidade política, isto é, a formação de uma consciência verdadeira, que ocorre, também, mediante a autonomia do indivíduo. Permitimo-nos um breve retorno ao conceito de autonomia: de acordo com o Dicionário Houaiss, o conceito de autonomia refere-se à “capacidade de governar a si próprio; liberdade; independência moral ou intelectual” HOUAISS (2008, p. 78). Já, o Dicionário de Filosofia Nicola-Abbagnano define autonomia nos seguintes termos:

Termo introduzido por Kant para designar a independência da vontade em relação a qualquer desejo ou objeto de desejo e a sua capacidade de determinar-se em conformidade com uma lei própria, que é a da razão. Kant contrapõe a A. à heteronomia, em que a vontade é determinada pelos objetos da faculdade de desejar. Os ideais morais de felicidade ou perfeição supõem a heteronomia da vontade porque supõem que ela seja determinada pelo desejo de alcançá-los e não por uma lei sua. A independência da vontade em relação a qualquer objeto desejado é a liberdade no sentido negativo, ao passo que a sua legislação própria (como razão prática) é a liberdade no sentido positivo (ABBAGNANO, 2012, p. 97).

A autonomia proposta por Adorno tem suas raízes em Kant, teórico iluminista que, em 1770, retornou à filosofia sistemática, trazendo uma versão mais jovem de seus escritos. Nesse período, Kant iniciou a terceira fase da *Aufklärung*, aliando o ceticismo crítico ao rigor sistemático. *Aufklärung*, anteriormente, teve a fase racionalista e a fase que enfatizou o ceticismo.

No debate entre Theodor Adorno e Helmutt Becker, intitulado *Educação e emancipação*, transmitido pela rádio de Hessen – Alemanha, em 13 de agosto de 1969, discutiu-se para onde a educação deveria conduzir.

Adorno iniciou o debate, afirmando que a emancipação era evidente em uma democracia e reportou-se ao ensaio de Kant intitulado *Resposta à pergunta: Que é Esclarecimento?* (publicado no jornal *Berlinischen*, em 03 de dezembro de 1783). Ao responder tal pergunta, Kant afirma que “Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado” (KANT, 2010, p. 63). Tal menoridade é atribuída, por Kant, à preguiça e à covardia do homem, que, ao invés de pensar por conta própria, prefere ter o respaldo de um tutor. O homem, mesmo após se libertar da falta de entendimento, muitas vezes, se deixa levar por um tutor, devido à comodidade. Com o tempo, o tutor adverte o homem de sua incapacidade e dos riscos que ele corre ao pensar por conta própria, incutindo-lhe o medo de pensar.

Depois de terem primeiramente embrutecido seu gado doméstico e preservado cuidadosamente estas tranquilas criaturas a fim de não ousarem dar um passo fora do carrinho para aprender a andar, no qual as encerraram, mostram-lhes, em seguida, o perigo que as ameaça se tentarem andar sozinhas (KANT, 2010, p. 64).

A autonomia, em Kant, conforme Jahen (2005) compõe-se, de um lado, pela maioridade, emancipação e espontaneidade; e, por outro lado, pela autodeterminação – dar-se a lei a si mesmo. Para Jahen, “[...] o título original, *Erziehung zur Mündigkeit*, possibilitaria também a sua tradução para Educação para a maioridade” (JAEHN, 2005, p. 97). Para haver autonomia, não basta haver o talento ou inteligência, visto que, muitas vezes, o indivíduo é submetido a mecanismos de controle que o impedem de ter pensamentos próprios. Kant (2010) destaca que a sociedade cerceia o pensamento próprio e seu uso público, apontando a única forma para que ocorra o esclarecimento [*Aufklärung*]:

Para este esclarecimento [*Aufklärung*], porém, nada mais se exige senão liberdade. E a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa chamar liberdade, a saber: a de fazer um uso público de sua razão em todas as questões. Ouço, agora, porém, excluir de todos os lados: não raciocineis! O oficial diz: não raciocineis, mas exercitai-vos! O financista exclama: não raciocineis, mas pagai! O sacerdote proclama: não raciocineis, mas crede! (Um único senhor no mundo diz: raciocinaí, tanto quanto quiserdes, e sobre o que quiserdes, mas obedecei!) Eis aqui por toda a parte a limitação da liberdade. Que limitação, porém, impede o esclarecimento [*Aufklärung*]? Qual não o impede, e até mesmo o favorece? Respondo: **O uso público de sua razão deve ser sempre livre e só ele pode realizar o esclarecimento [*Aufklärung*] entre os homens** (KANT, 2010, p. 65. grifos nossos).

Kant (2010) evidencia os limites impostos à razão, bem como que o esclarecimento só será possível a partir do momento em que o indivíduo fizer uso público de sua razão. Afirma, ainda, que se fosse questionado “vivemos agora em uma época esclarecida [*Aufgeklärten*]?” (KANT, 2010, p. 69), ele responderia que vivia a época de esclarecimento [*Aufklärung*]. Para

Adorno (1995), assim, Kant caracterizou a emancipação como um vir a ser, algo que não está pronto, mas em movimento.

Para Adorno, a universidade representava um mecanismo de controle, “[...] de modo que o mero pressuposto da emancipação de que depende uma sociedade livre já se encontra determinado pela ausência de liberdade da sociedade” (ADORNO, 1995, p. 172).

A autonomia, em Adorno (1995), portanto, deve fazer parte de uma educação emancipatória, tendo em vista que a sociedade em que vivemos impõe a heteronomia aos indivíduos; há falta de liberdade e estes não vivem de acordo com suas determinações. O indivíduo não é capaz de pensar por conta própria, para o quê a formação deveria considerar as relações sociais que afetam muito mais que condições econômicas e/ou materiais, visto que atingem a subjetividade.

A produção de uma consciência verdadeira, para Adorno, é a que conduz o sujeito a um nível superior de consciência, possibilitando-lhe um pensamento autônomo, por meio do qual possa se servir do próprio entendimento. Maar (2003) afirma que, ao apontar para a necessidade de uma consciência verdadeira, Adorno pensava na falsa consciência, e, dessa forma, relacionava a educação à crítica à ideologia dominante. A partir do momento em que o indivíduo conquista tal consciência, passa a pensar livremente e não precisa mais ser tutelado, conforme Kant (2010) aponta no texto *Resposta à pergunta: Que é 'Esclarecimento'?*. No entanto, Adorno (1995) pontua:

Para evitar um resultado irracional é preciso pressupor a aptidão e a coragem de cada um em se servir de seu próprio entendimento. Se abrimos mão disto, todos os discursos quanto à grandeza de Kant tornam-se mera retórica, exterioridade [...]. Quando se pretende levar a sério o conceito de uma tradição intelectual alemã, é preciso começar reagindo energicamente a uma tal situação (ADORNO, 1995, p. 169).

Conforme Adorno (1995), do ponto de vista da filosofia, pode-se criticar “o conceito de uma razão absoluta”, ou ainda, que o mundo tenha origem no espírito absoluto, porém, isso não justifica a dúvida de que, para uma prática coerente, o pensamento rigoroso e sistemático seja importante. É preciso tomar cuidado para que, em detrimento da crítica da razão absoluta, não se passe a denunciar toda forma de

pensamento. Isso nos leva a entender que, ainda que Adorno tenha como base da emancipação a teoria kantiana, ele vai além dos pensamentos de Kant. Para a filósofa e historiadora americana Buck-Morss (1981), a partir de 1928, Adorno deixou claro, em seus escritos, o rompimento com o idealismo kantiano.

Segundo Pucci (2003), Kant apresentou a necessidade de luta pelo esclarecimento, na Alemanha do século XVII, uma sociedade que apresentava atrasos em relação à política; portanto, a revolução pretendida e proposta se encaixava nos moldes da ordem vigente, e sua luta foi mais intensa em relação à necessidade de liberdade religiosa, visto que a religião oprimia e privava os homens da liberdade. Com o acirramento da diferença de classes sociais, a burguesia, aproveitando de seu domínio sobre as demais classes, passou a dar maior ênfase à dimensão instrumental da razão, em detrimento da dimensão emancipatória.

Pelo viés teórico-filosófico da Escola de Frankfurt, de acordo com Pucci (2003), a razão instrumental é:

[...] razão no processo técnico, na operação, no saber aplicado. Reifica-se, coisifica-se. Eliminando toda dubiedade do pensar através de sua unidimensionalidade, ela se torna a ferramenta das ferramentas a serviço da produção material, da exploração do trabalho, dos trabalhadores. Seu objetivo é a reprodução ampliada do capital (PUCCI, 2003, p. 24).

Entendemos, assim como Pucci (2003), que a razão instrumental nega totalmente a emancipação do homem e é aliada aos intentos do capital. Os escritos de Adorno permitem-nos crer que o uso da razão é um ato político, assim, a produção da consciência verdadeira, isto é, uma consciência em nível mais profundo, como exigência política, depende de diversos fatores. No entanto, dois problemas são destacados por Adorno: a forma como se encontra organizado o mundo em que vivemos, pois “paralela à regressão da sociedade ocorre uma regressão do pensamento sobre ela” (ADORNO, 1986, p. 67) e a ideologia dominante.

Podemos perceber tal aspecto no texto *Capitalismo tardio ou sociedade industrial*, que fez parte da conferência inaugural do 16º Congresso dos Sociólogos Alemães. Ao iniciar a conferência, Adorno (1986) deixou evidente a necessidade de discussão no Congresso, que,

segundo ele, não se tratava da nomenclatura, mas, sim, de conteúdos e, ainda, descreveu a sociedade no contexto do capitalismo tardio, na qual se tem como modelo de trabalho aquele que possui afinidades com o industrial, que, graças às exigências econômicas, estendem-se a diversos setores, tais como: administração, distribuição e cultura.

Por outro lado, o autor afirma que a sociedade é capitalista em suas relações de produção, porque o homem se encontra totalmente subjugado à máquina; não é apenas parte da máquina, mas precisa adaptar-se de tal modo, que, até seus sentimentos são modelados por essa lógica, destituindo-o de qualquer resquício de autonomia.

Como em tempos remotos, hoje o mercado também continua visando ao lucro sobre as necessidades mais imediatas das pessoas, as quais se referem basicamente à moradia, educação, informação, e essas necessidades são regidas de acordo com a produção. Para Adorno (1995), seríamos idealistas se não considerássemos “[...] o peso imensurável do obscurecimento da consciência pelo existente” (ADORNO, 1995, p. 143).

Ao analisarmos o contexto social, percebemos que a qualificação exigida para que os indivíduos se integrem à sociedade capitalista contemporânea se resume a uma criatividade limitada aos moldes da produção, em que há pouca chance de serem desenvolvidas outras capacidades.

Se não quisermos aplicar a palavra emancipação num sentido meramente retórico, ele próprio tão vazio como o discurso dos compromissos que as outras senhorias empunham frente à emancipação, então por certo é preciso começar a ver efetivamente as enormes dificuldades que se opõem à emancipação nesta organização do mundo (ADORNO, 1995, p. 181).

Conforme Adorno (1995), precisamos muito mais que discursos vazios em prol da emancipação. Para que tal esvaziamento não ocorra, a educação deve ir além da formação do cidadão flexível, exigido para esse mercado de trabalho, o qual requer uma formação abstrata e polivalente, em que o trabalhador deve adaptar-se a situações diversas, o que o torna alienado. Evidentemente, esta formação desconsidera o processo de emancipação humana.

A educação para a emancipação, para a consciência, por sua vez, de acordo com Adorno, “[...] tem [...] muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que fortalecer a adaptação” (ADORNO, 1995, p. 144). A formação deve capacitar o indivíduo a orientar-se no mundo, mas ele não deve permanecer apenas nisso, para que não ocorra o ajustamento de pessoas.

Em *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno (1985), com base na sociedade do século XX, dizem que a humanidade se afundava em uma nova forma de barbárie, em razão do processo técnico representado pelo modelo burguês, que apresenta como resultado a razão instrumental. O potencial de transformação do progresso tornou-se desprovido de sentido, a partir do momento em que se resumiu à razão instrumental.

Para os autores, a razão instrumental coisifica o pensamento, cerceando o esclarecimento, que se torna totalmente dispensável. O progresso do mundo, que ocorre pelo controle dos integralmente esclarecidos, deveria ocorrer de forma mais lenta, porém a única forma de ocorrer isso seria por meio do pensamento esclarecedor, banido do processo técnico:

[...] Horkheimer e Adorno questionam o sentido original atribuído por Marx à emancipação. O domínio sempre crescente do progresso técnico não resultou em libertação, mas tão somente em submissão e conformismo. É por isso que, para eles, a emancipação já não pode ser pensada como triunfo da racionalidade simplesmente, como progresso no sentido único que este adquiriu, pois moldar a realidade à feição da razão produziu uma realidade estranha ao homem, incapaz de instaurar a verdadeira humanidade (NOBRE, 2008, p. 51).

Ao questionar o sentido atribuído por Marx ao conceito de emancipação, Horkheimer e Adorno (1985) explicitam, mais uma vez, que a teoria crítica não se resume a teses imutáveis, pelo contrário, faz-se necessária a renovação.

Mito x esclarecimento: os laços que embaraçavam Homero

Mui desejoso de as escutar, fiz sinal com os olhos aos sócios que as cordas me relaxassem; mas eles remaram bem mais ardorosos. [...] sem mais ouvirmos a voz

das Sereias e o canto mavioso, meus companheiros queridos tiraram depressa do ouvido a cera ali por mim posta e dos laços, por fim, me livraram (HOMERO, Odisseia, XII).

Ao travar o embate entre mito e esclarecimento, ainda em *Dialética do Esclarecimento*, Horkheimer e Adorno (1985) tomam por base a passagem de Ulisses pelas sereias, pois consideram que “[...] nenhuma obra presta um testemunho mais eloquente do entrelaçamento do esclarecimento e do mito do que a obra homérica, o texto fundamental da civilização européia” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 44).

A aventura homérica reflete o mito de maneira racional. Homero apresenta “[...] caráter antimitológico e esclarecido” (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 48), no entanto, em razão de sua limitação, distancia-se da verdade. Como sabemos, na Odisseia, Ulisses é advertido pela deusa Circe, sobre a beleza do canto das sereias e de que se deixar seduzir por tal canto causaria a sua morte. Ulisses, por sua vez, para evitar o fato sobre o qual foi advertido, tapa os ouvidos dos remadores com cera doce amolgada para que estes não ouvissem as sereias e não se deixassem levar pela sedução. Além disso, pede para que o amarrem no mastro do navio:

[...] peço a vós todos que me amarreis com bem fortes calabres, porque permaneça junto do mastro, de pé, com possantes amarras seguro. Se, por acaso, eu pedir ou ordenar que as amarras me soltem, mais fortes cordas, em torno do corpo, deveis apertar-me (HOMERO, XII).

Os remadores continuam o trabalho deles, sem nada ouvir. Mas as sereias impeliam Ulisses a ouvi-las cantando, dizendo: “Vêm para perto, famoso Odisseu, dos Aquivos orgulho, traz para cá teu navio, que possas o canto escutar-nos” (HOMERO, 2009, p. 214). Ulisses, após ouvir a beleza do canto, fez sinal com os olhos ordenando aos remadores que soltassem as cordas que o prendiam, mas eles passaram a remar com mais força, e Perimedes e Eurícolo trouxeram-lhe novos calabres e mais forte ainda o amarraram.

Essa foi uma maneira que Ulisses encontrou para se entregar em parte, mas não totalmente, às sereias e prosseguir a viagem seguro do perigo. De acordo com a Odisseia, Ulisses foi o primeiro mortal a escapar dos encantos das sereias e, portanto, da morte. De acordo com

Horkheimer e Adorno (1985), ao tomar tais medidas, Ulisses anuncia, de forma alegórica, a dialética do esclarecimento.

A passagem, conforme Horkheimer e Adorno (1985), remete-nos à situação dos trabalhadores, os quais, orientados a cumprir suas tarefas com todo empenho, deixando as demais coisas e a distração de lado, tornam-se práticos. Não poderíamos deixar de citar, aqui, o clássico filme de Charles Chaplin, que exemplifica, de forma clara, o processo técnico e fragmentado do trabalho: *Tempos modernos*, no qual o homem, assim como inferiu Marx, é parte da máquina, ou um braço dela.

O trabalho realizado é totalmente técnico e, para realizá-lo, o trabalhador não precisa conhecer o processo de trabalho por inteiro. Quanto mais fragmentado e técnico seu trabalho for, maior será a produção; o trabalho padronizado responde às expectativas do mercado e desqualifica o profissional. O processo do trabalho na sua totalidade só interessa ao senhor, isto é, àquele que gerencia tal processo.

Os remadores da Odisseia também realizavam o trabalho técnico, remavam e remavam sem distração, com movimentos repetitivos, cumprindo as ordens de seu senhor. Esta foi uma das analogias propostas por Horkheimer e Adorno (1985) entre Ulisses e os burgueses do século XX: “[...] o herói das aventuras revela-se precisamente como um protótipo do indivíduo burguês” (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 47). Ulisses, como senhor, ordena que os servos trabalhem para ele; da mesma forma os burgueses, tempos depois, obstinados pelo poder, abriam mão da felicidade por causa do aumento de seu poderio; mito e esclarecimento novamente se confundem.

Nesse processo técnico, o sujeito deve abandonar o pensamento para dedicar-se somente à técnica. No entanto, Horkheimer e Adorno (1985) enfatizam a necessidade de um nível de consciência mais profundo, para que ocorra a “verdadeira práxis revolucionária” que caminhe em direção à tomada de consciência pelos indivíduos, enquanto parte da sociedade. Logo, o pensamento esclarecedor é indispensável para que ocorra o processo de emancipação humana, de acordo com a perspectiva adorniana.

Ainda sobre a Odisseia, porém, em versão apócrifa, Bauman (2001) pontua que Lion Feuchtwanger sugeriu que os marinheiros, enfeitados pela deusa Circe e transformados em porcos, ficaram satisfeitos com sua nova

situação e apresentaram resistência para voltar à forma humana. Ulisses informou-os de que possuía ervas mágicas que os trariam de volta à humanidade, porém os suínos fugiram, sem que Ulisses pudesse alcançá-los. Ao apanhar um deles e esfregar a erva em seu corpo, surgiu o marinheiro Elpeneros, que, nada satisfeito com seu libertador, profere:

Então voltaste, ó tratante, ó intrometido? Queres novamente nos aborrecer e importunar, queres novamente expor nossos corpos ao perigo e forçar nossos corações sempre a novas decisões? Eu estava tão feliz, eu podia chafurdar na lama e aquecer-me ao sol, eu podia comer e beber, grunhir e guinchar, e estava livre de meditações e dúvidas: “O que devo fazer, isto ou aquilo? Por que vieste? Para jogar-me outra vez na vida odiosa que eu levava antes?” (FEUCHTWANGER, apud BAUMAN, 2001, p. 25-26. grifos do autor).

Pensar é uma tarefa árdua, e, aos marinheiros, não era interessante sua antiga forma, visto que, como porcos, podiam aproveitar o tempo sem se forçar a tomar decisões, apenas comer e beber. Ao voltar àquela vida odiosa, o que fariam? Por que Odisseu havia voltado?

Considerações finais

As discussões aqui travadas, em torno do trabalho docente para além do pensamento tutelado, têm como ponto de partida a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt, mais especificamente, as teorizações de Theodor Adorno. Ao propormos reflexões sobre a formação docente, de maneira alguma pretendemos encerrar as discussões que nos inquietam, apenas lançar um novo olhar, na tentativa de somarmos esforços junto aos pares.

A educação para a emancipação, para a consciência, de acordo com Adorno, “[...] tem [...] muito mais a tarefa de fortalecer a resistência do que fortalecer a adaptação” (ADORNO, 1995, p. 144). A formação deve capacitar o indivíduo a orientar-se no mundo, mas ele não deve permanecer apenas nisso, para que não ocorra o ajustamento de pessoas. Logo, o pensamento esclarecedor é indispensável para que ocorra o processo emancipação humana, de acordo com a perspectiva adorniana.

O docente que se quer autônomo deve concentrar seus esforços para a contradição e a resistência. Ao esforçar-se por ser consciente,

poderá caminhar rumo a uma consciência verdadeira’ com o educando. No texto desenvolvido, os marinheiros demonstraram a dificuldade do pensamento ao questionar: por que Odisseu havia voltado? Preferiam chafurdar na lama a ter que se esforçar para pensar! Na sociedade atual nem sempre é diferente; muitas vezes, como professores, temos dificuldade em instigarmos os educandos ao pensamento crítico, isso porque, muitas vezes, a escola inserida em um contexto mais amplo de ‘falsidades ideológicas’, apresenta uma unidimensionalidade no processo formativo que tutela os educandos em um formato específico de pensamento – o reificado –, e a tarefa homérica de levá-los a pensar criticamente fica ao encargo do professor.

Mas quê formação teve o professor? Os cursos de formação docente têm dado conta de formar professores críticos e autônomos?

Preocupa-nos a necessidade de uma formação mais consistente nos cursos de formação de professores, que possibilite o livre pensar e práticas docentes autônomas, em uma sociedade que cobra o aligeiramento na formação docente. Formam-se professores em um curto espaço de tempo, com as mais variadas estruturas curriculares e, muitas vezes, sem o mínimo de condições para tal. Por fim, pensamos que a autorreflexão deve fazer parte da formação do professor, para que seja possível pensar uma educação com vistas à autonomia e ao pensamento docente não-tutelado.

Referências

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, p. 97. Disponível em:

<<http://es.scribd.com/doc/4776000/Dicionario-de-Filosofia-Nicola-Abbagnano>>. Acesso em: 20 mar. 2012.

ADORNO, T. W. Capitalismo tardio ou sociedade industrial. In: COHN, Gabriel (Org.). **Theodor W. Adorno: grandes cientistas sociais**. São Paulo: Ática, 1986, p. 62-75.

ADORNO, T. W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BUCK-MORSS, S. **Origen de la dialéctica negativa**. Theodor W. Adorno, Walter Benjamin y El Instituto de Frankfurt. Espana: Siglo Veintiuno, 1981.

HOMERO. **Odisséia**. São Paulo: Ediouro, 2009.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

JAHEN, L. **Educação e emancipação em Adorno**. Passo Fundo: UPF, 2005.

KANT, I. Resposta à pergunta: Que é “Esclarecimento”? (*Aufklärung*). In: **Immanuel Kant**: Textos. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MAAR, W. L. **Adorno, semiformação e educação**. Educação & Sociedade, Campinas, vol. 24, n. 83, p. 459-476, agosto, 2003.
Disponível em:
<<http://www.scielo.br/pdf/es/v24n83/a08v2483>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

NOBRE, M. (Org.). **Curso Livre de Teoria Crítica**. Campinas: Papyrus, 2008.

PUCCI, B. Teoria Crítica e educação. In _____. (Org.). **Teoria Crítica e educação**: a questão da formação cultural na Escola de Frankfurt. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

Recebido em: 08/06/2014

Aceito em: 23/09/2014